

Breves Considerações sobre o “Pequeno Inventário das Desordens”: Uma Homenagem ao Prof. Wilmar Barbosa¹

Brief Reflections on the “Short Inventory of Disorders”:
A Tribute to Prof. Wilmar Barbosa:

Dilip Loundo²

DEPOIMENTO

No início de 2010, quando iniciei minhas atividades no Departamento de Ciência da Religião da UFJF, o reencontro com o Prof. Wilmar Barbosa foi um dos motivos de grande alegria pessoal e profissional. Não tive, por força de diferentes inserções institucionais e, em grande medida, pelas longas permanências no exterior, uma interação continuada no tempo com o Prof. Wilmar Barbosa. Mas o período total de interação, mesmo com os prolongados hiatos, foi intenso o suficiente para traduzir-se hoje numa relação de grande respeito, admiração e amizade. Conheci Wilmar Barbosa em meados dos anos 80 como aluno do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, durante um período politicamente conturbado e ao tempo extremamente rico de abertura política e liberdade no exercício do pensar. Nesse mesmo período, aliás, conheci também um outro integrante desta mesa, o Prof. Michel Misse, que é igualmente credor do meu enorme respeito, admiração e amizade. Wilmar e Michel, amigos que eram e que são entre si, permitiram-me, de um lado, adentrar seu círculo de reflexão e amizade e, por outro, e

¹ Discurso proferido na sessão de homenagem ao Prof. Wilmar Barbosa, realizada no dia 23/10/2015 na UFJF, em Juiz de Fora, por ocasião de sua aposentadoria do Departamento de Ciência da Religião da UFJF.

² Professor do Departamento de Ciência da Religião, UFJF. Email: loundo@hotmail.com

fundamentalmente, deram-me a honra de ser meus mestres excelsos. Em tempos de uma *lattesificação* perversa do conhecimento acadêmico, é comum nos esquecermos que os verdadeiros “itens” de nossa produção acadêmica são os alunos que empoderamos intelectualmente e como pessoa. No meu caso, os dois mestres aqui presentes, Wilmar e Michel, foram, e continuam sendo, instigadores de uma dialogia que me constitui.

A homenagem de hoje é para Prof. Wilmar Barbosa. E falar do mestre Wilmar é falar dos ensinamentos de *mestridade* que dele recebi, e que se traduzem em experiências existencialmente constitutivas. À guisa de uma analítica, vou dividir a condição de *mestri-dade* do Mestre Wilmar em três dimensões: (i) uma intelectualidade crítica aguda; (ii) uma capacidade pedagógica de adequação narrativa no espaço e no tempo; (iii) uma generosidade imensa enquanto expressão de um “se dar para ao outro”, de um “sair de si-mesmo”. Quando busco nos escritos recentes – que, confesso, li bem menos – e nos mais antigos de Wilmar Barbosa os registros desse acordo entre palavras e atos que constitui a *mestridade* do mestre, não resisto a optar por um, cuja data remonta aos anos tenros de minha formação acadêmica, quando participei entusiasmado de dois cursos de Filosofia Modena lecionados por Wilmar e centrados na obra do filósofo alemão Friedrich Nietzsche. A seleção que faço parece-me espelhar, fielmente, uma dimensão estruturante do pensamento do Wilmar que atravessa décadas e que se imiscui, explícita ou explicitamente, aos desdobramentos temáticos mais recentes sobre política e religião, sobre secularismos e fundamentalismos.

Trata-se de um ensaio originalmente escrito em 1985 e publicado em 1991 no periódico *O Que nos Faz Pensar* da PUC do Rio de Janeiro sob o título sugestivo de “Pequeno Inventário das Desordens”. O ensaio apresenta, de forma contundente, a postura crítica de Wilmar sobre a *violência da modernidade* enquanto expressão (i) de uma razão concebida como “algo absoluto, incondicional e excludente” (BARBOSA, 1991, p. 84) e (ii) do processo consequente de reificação de um ser fragmentado, cindido, disjuntivo, ora imbuído da presunção magalomaníaca de se instituir como tirano manipulador de objetos, ora rendido à aceitação resignada de sua condição mesma de fragmento de um sistema maior e sem-sentido. Em ambos os

casos, uma religião excludente ou uma razão jurídica e disjuntiva é responsável pelo expurgo dos espaços da “paixão”, das pulsões, da poesia, da “irracionalidade”, da “desmedida”, da “desordem”, da *hybris*, espaços esses que conformam, ao invés, de forma necessária, inevitável e quiçá ontológica, a condição da totalidade da existência. [BARBOSA, 1991, p. 68] A crítica de Wilmar desemboca, positivamente, numa exortação ética ao *niilismo ativo* proposto por Nietzsche em sua obra *Vontade de Potência [Der Wille zur Macht]* (2011) e, em especial, no capítulo intitulado “O Niilismo Europeu”.

Reunindo 48 proposições argumentativas de forma inevitavelmente (nas palavras do próprio mestre) “assistemática e inconclusiva” (BARBOSA, 1991, p. 70), o “Pequeno Inventário das Desordens” resume o diagnóstico crítico de Wilmar com as seguintes palavras:

A história da era moderna é a história da potencialização e desvelamento (racional) sempre maiores do fundamento (das sociedades modernas): a dominação do homem pelo homem, a destruição sistemática da natureza, a politização da cultura, a hipertrofia do poder estatal e a onnipresença da tecnologia. É também a história da morte do indivíduo empreendedor, ousado, que, incapaz de transcender a ordem, tem seu ego formado a partir dos meios de comunicação de massa, e, ao mesmo tempo, dissolvido no sistema de mercadorias. (...) Rompida a comunicação do homem com Deus (a forma de seu desejo) ou a comunicação da cidade dos homens com a cidadela dos deuses, rompe-se também a relação entre a natureza (o corpo do homem é natureza) e o sagrado. O homem enquanto guardião dessa relação é substituído por um homem que a decompõe, que a disseca. A *communitas*, então, cede espaço para uma progressiva atomização do mundo social que finalmente se moderniza e, com isto, advêm as tecnologias de controle, agenciamento social e formação do ego. (...) O racionalismo tornou-se o arquiteto da imaginação moderna: desempenho, progresso e competência através da repressão e da renúncia. Nesse sentido, o racionalismo expulsou de seu território a voz que canta, a voz da fruição, da generosidade, da gratuidade, do oferecer e do receber. [BARBOSA, 1991, p. 67, 83, 85]

O diagnóstico crítico de Wilmar representava, à época, no contexto do departamento de filosofia, uma alternativa crítica minoritária à dominância da filosofia analítica e seu compromisso com os princípios da ordem da razão disjuntiva. Por outro lado, expressava também uma postura política possível de rejeição da “razão do Estado” e suas formas de opressão social. Mas, num nível antropológico mais profundo, ela expressava uma postura existencial, de fundo nietzschiano, sobre a condição ontológica do ser-no-mundo. Confesso que, se o segundo sentido era

circunstancialmente sedutor, foi o terceiro que, de forma mais definitiva, me conquistou. É assim o fez por postular, responsabilmente, um mergulho no sentido profundo do ser político, para aí descobrir os fundamentos da relacionalidade e da interdependência entre os entes, como condição existencial do estar-no-mundo. Em outras palavras, Wilmar apresentava a possibilidade de um caminho que não sucumbia ao relativismo, à desconstrução do sem-sentido e à fragmentação absoluta do pós-modernismo: tratava-se, antes, de um caminho de abertura a um pensar que projeta positividade, afirmação da vida e que muito se aproxima, ainda que com argumentos e contextualizações históricas distintas, das posturas críticas das tradições multiculturais e multireligiosas do oriente - em especial a Índia. Nestas, com efeito, a afirmação de um princípio metalinguístico de unidade fundacional, de uma “verdade complexa” enquanto interdependência ontológica dos entes, serve como embasamento crítico para uma rejeição da razão ocidental moderna, seus tentáculos coloniais e pós-coloniais, e suas propostas de disjunção “entre o objetivo e o subjetivo, entre objeto e sujeito.” (BARBOSA, 1991, p. 73)

A positividade crítica e afirmativa de Wilmar tem um nome, já acima enunciado: *niilismo ativo*, uma herança nietzschiana e uma forma peculiar de contra-cartesianismo:

Causador de profundos cortes, [Descartes] separou a razão dos sentidos, o sujeito do objeto, e o homem da natureza, ao mesmo tempo em que fez do homem um objeto de si-mesmo pois enquanto sujeito, foi tido como capaz de se distanciar objetivamente dos procedimentos de seu próprio corpo, *locus* natural das paixões e da própria razão. É como se o homem tivesse algo [ego] dentro de si [corpo] capaz de se distanciar deste ‘invólucro’, ao ponto de vê-lo com clareza e distinção, tornando-o assim um “objeto”. O que precisamos é de uma filosofia que revele as alianças, as relações, as cumplicidades, a interdependência entre ordem-desordem, entre o cultural e o biológico, entra a alma e a carne. Precisamos da crítica à segurança e da não do conhecimento seguro [racional]. É isso que entendo por niilismo ativo. (BARBOSA, 1991, p. 83)

A desconstrução e a denúncia das objetificações e reificações da razão, representada nietzschianamente pela morte de um Deus excludente, de uma razão apolínea e de um individualismo racional, tem em mira, portanto, a tarefa nobre de re-unir, de re-constituir a unidade, a totalidade fundamental, a ontologia integrativa e todo-inclusiva da existência. Trata-se de repensar o homem “real” como um sistema

em aberto, i.e., como uma abertura dionisíaca “para além de si-mesmo”. Deveria ser essa, segundo Wilmar, a tarefa precípua da filosofia e suas instrumentalidades epistemológicas e éticas: uma discursividade reflexiva a serviço de uma transformação que re-une, que re-aproxima o ser-no-mundo do próprio mundo em sua totalidade, que re-aproxima o homem da natureza. É esse “pensar ecologicamente” que constitui, propriamente, um autêntico viver. Nas suas palavras:

O que significa ‘pensar ecologicamente’? Significa sobretudo pensar não o homem e a natureza mas sim o homem *na* natureza. Torna-se necessário, portanto, buscar novos valores, novos significados capazes de expressarem positivamente aquilo que e, portanto, pensar a totalidade da relação homem-natureza, como um processo *auto-organizativo*. A partir de então, tornar-se-á possível pensar a sociedade não como um esfera oposta à natureza, mas sim como o seu Outro. (...) É necessário manter o círculo infernal das relações antinômicas e dependentes e anular a verdade simples elaborada pela imaginação moderna, *substituindo-a por uma verdade complexa: a da interdependência e interação dos elementos dissociados*. [BARBOSA, 1991, p. 74-5 & 87]

A digressão de Wilmar sobre o mistério do mundo e a interdependência entre os entes, sobre um pensar que é essencialmente um re-unir ontologicamente, muito além das metafísicas discursivas, é congruente com uma leitura positiva do *niilismo ativo* de Nietzsche, que vai na contramão das leituras pós-modernistas de caráter eminentemente relativista. Nesse sentido, o *niilismo ativo* (*aktiven Nihilismus*) de Nietzsche deve ser entendido contextualmente, i.e., a partir de uma análise contrastiva com o que ele mesmo classificou de seu oposto, o *niilismo passivo* (*passiven Nihilismus*). Por um lado, ambos os niilismos constituem resposta ao problema do sem-sentido e do sem-valor da existência, um legado de uma religião (cristianismo) e de um racionalismo (iluminismo) ineficazes. Mas enquanto o *niilismo passivo*, cuja expressão máxima é o filósofo Arthur Schopenhauer, propõe uma atitude de resignação, de repúdio à vida e de negação da existência, o *niilismo ativo* aponta tanto para a rejeição dos legados clericalistas e racionalistas quanto para a negação do próprio *niilismo passivo*.³

³ “Nihilism. It is ambiguous: A. Nihilism as a sign of increased power of the spirit: as active nihilism. B. Nihilism as decline and recession of the power of the spirit: as passive nihilism.” [NIETZSCHE, 1968, p.17]

Nesse sentido, o *niilismo ativo* constitui, essencialmente, um movimento de dupla negação: a negação da negação da existência enquanto eliminação de erros e re-edificação de valores, enquanto positividade e afirmação de vida. Suas implicações cognitivas – a “verdade complexa” de Wilmar Barbosa – aproximam-se da ideia de *re-conhecimento* [*anagnorisis*] enquanto “mudança da ignorância para o conhecimento”, tal como sustentado por Aristóteles em seus estudos sobre a tragédia grega. [ARISTÓTELES, 2017, 1.11] Ao sentido original aristotélico, Nietzsche adiciona um sentido crítico muito peculiar: o re-conhecimento do trágico trata-se, acima de tudo, de um processo de transformação [*Verwandlung*] ou transfiguração [*Verklarung*], de um processo de expansão ampla do ente, muito além de si-mesmo. [NIETZSCHE, 2003, p. 64] É isso que “caracteriza propriamente a construção de um self unificado enquanto objetivo do Super-Homem (*Übermensch*)” [GEMES, 2001, p. 339], enquanto condição de superação do ressentimento, remorso e culpa, e enquanto exercício das virtudes éticas da generosidade e da magnanimidade. Com afirmação de Wong Kui, “A transformação do medo e da dor em alegria é, portanto, concomitante com a expansão do *self* individual na direção do *self* de toda a humanidade”. [KUI, 2017]

O “Pequeno Inventário das Desordens” constitui, portanto, a profissão de fé de Wilmar Barbosa no *niilismo ativo* de Nietzsche, e nas estratégias existenciais de resistência positiva a uma modernidade desconcertante. No declinar do ensaio, Wilmar reitera enfaticamente o compromisso cognitivo dessa postura crítica: “Todo o conhecimento é um reconhecimento. No ato de conhecer as coisas, reconhecemos o sentido que nós mesmos atribuímos a elas e que nos foi por elas atribuído. Eu estou dentro do mundo que está dentro de mim [Valéry]”. [BARBOSA, 1991, p.88] É desse *niilismo ativo* - que poderíamos mais apropriadamente classificar de *niilismo ético* - que brota em Wilmar Barbosa uma disponibilidade permanente para o diálogo e para o argumento, seja na academia ou no bar da esquina - tudo isso temperado com o bom humor e a generosidade que só a sabedoria dos loucos e dos poetas contempla. E tal qual “nos seus melhores tempos”, a filosofia assim surgida não se preocupa “apenas com as definições lógico-formais” mas nos ensina, sobretudo, “a

significação e a arte de viver”. (BARBOSA, 1991, p.70)

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. 2017. *Poetics*. [tradução inglesa de S. H. Butcher].
<classics.mit.edu/Aristotle/poetics.mb.txt>. Acesso em 1/1/2017.

BARBOSA, Wilmar. 1991. Pequeno Inventário das Desordens. *O Que nos Faz Pensar* (PUC/RJ), No. 5 (Dezembro, 1991), p. 67-88.

GEMES, Ken. 2001. Postmodernism's Use and Abuse of Nietzsche. *Philosophy and Phenomenological Research*, Vol. 62, No. 2 (Março, 2001), p. 337-360.

KUI, Wong. 2017. *Nietzsche, Plato and Aristotle on Mimesis*.
<www.dogma.lu/txt/KwokKuiNietzschePlatoAristotle.htm>. Acesso em 1/1/2017.

NIETZSCHE, Friedrich. 2003. [tradução inglesa de Ian C. Johnston]. *Birth of Tragedy out of the Spirit of Music*. <www.russoeconomics.altervista.org/Nietzsche.pdf>. Acesso em 1/1/2017.

NIETZSCHE, Friedrich. 1968. *The Will to Power*. [tradução inglesa de Walter Kaufmann & R. J. Hollingdale]. New York: Vintage.